

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO: UMA CATEGORIA A SER DISCUTIDA

Jander Fernandes Martins¹
Talita Elisabeth Halberstadt²

Resumo

O presente artigo objetiva discutir a categoria *Organização do Trabalho Didático*, pressuposto assentado à luz da *Ciência da História*, portanto, marxiana. Inicialmente, serão apresentados os pressupostos conceituais os quais sustentam o desenvolvimento de tal categoria. Posteriormente, explicitar-se-á os elementos constitutivos desta categoria, promovendo diálogos sobre a atual instituição social responsável pela educação de nossas crianças e jovens. Por fim, explicita-se a atual condição desta instituição que, segundo esta categoria, não atende mais às exigências sociais de nosso tempo.

Palavras-chave: Organização do trabalho Didático. Trabalho Docente. Escola.

Abstract

This article discusses the category *Work Organization Didactic*, seated assumption in light of *Historical Science*, so Marxist. Initially, you will see the conceptual which, support the development of such a category. Later, it will explain the components of this category by promoting dialogues on current social institution responsible for educating our children and youth. Finally, I explain the current condition of this institution from this category, no longer meets the social demands of our time.

Keywords: Work Organization Didactic. Work's teacher. School.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo discutir a categoria chamada *Organização do Trabalho Didático*, pressuposto assentado à luz da *ciência da história*, portanto, dentro da perspectiva marxiana. A partir da discussão de seus três aspectos constitutivos, isto é, o *tipo histórico de relação entre educador-educando*, o *instrumental mediado* desta relação e, o tipo de *local específico* em que se deu/dá tal relação, é que os autores deste trabalho tecem suas considerações e reflexões sobre tal categoria, tendo em vista, uma maior compreensão sobre o processo de trabalho docente.

Inicialmente, será apresentada os pressupostos bibliográficos e documentais, os quais deram sustentação no desenvolvimento de tal categoria, em termos conceituais. Posteriormente, tentar-se-á explicitar os elementos constitutivos desta categoria, a qual foi desenvolvida por Gilberto Luiz Alves³.

¹ Pedagogo formado pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é professor de educação infantil concursado no Município de Campo Bom-RS. Contato: martinsjander@yahoo.com.br

² Pedagoga formada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Contato: ta.ufsm@yahoo.com.br

³ Gilberto Luiz Alves é, atualmente, professor do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera/UNIDERP, fez doutorado e pós-doutorado em

Por fim, após tecer as devidas considerações acerca desta categoria, bem como suas formas históricas, explicita-se um questionamento sobre a realidade educacional brasileira e a categoria aqui elencada como objeto de reflexão, tendo em vista contribuir para uma maior compreensão sobre tal realidade e, assim, promover diálogos sobre a atual instituição social responsável pela educação de nossas crianças e jovens, instituição esta que, como se poderá perceber, não atende às exigências sociais de nosso tempo.

1. A Organização do Trabalho Didático: categoria e conceito

A organização do trabalho didático é um empreendimento teórico elaborado por Gilberto Luiz Alves, o qual trata da compreensão do trabalho do educador, isto é, “A organização do trabalho didático constitui-se, conceitualmente, nos limites de outras categorias mais centrais, tais como **trabalho** e **organização técnica do trabalho**, e as implica” (ALVES, 2005, p. 10, grifos nossos). Portanto, trata-se de uma categoria a qual abrange, e tem como objeto de estudo, o processo de trabalho (docente).

Tal pressuposto pode ser encontrado, em sua forma acabada, na obra intitulada “O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas” (2005). Para tanto, Alves (2005, p. 11) debruça-se sobre obras clássicas e documentais, como por exemplo, a *Didática Magma* de Comenius (1976) e o *Ratio Studiorum* de Franca (1952), além de obras consagradas da história da educação como Cambi (1999), Ariès (1981), Manacorda (1989), Santoni Rugiu (1998), Verger (2001), entre outros”.

Tendo em vista não resvalar em um ecletismo, o autor elenca a *ciência da história* como pressuposto norteador de sua categoria, isto é, calcando-se na teoria marxiana, mais especificamente, no rigor teórico-metodológico desenvolvido por Marx em *Contribuição a Crítica da Economia Política* (2008), obra na qual Marx (2008, p. 264) afirma que “A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. O que nas espécies animais inferiores indica uma forma superior, não pode, ao contrário, ser compreendida senão quando se conhece a forma superior”.

Evidencia-se com essa afirmação que, o estudo da forma mais desenvolvida é que permite apreender o movimento tendencial das formas mais atrasadas. Por exemplo, para melhor captar os movimentos de um determinado tipo de organização social, à luz da “ciência da história”, torna-se imperativo perscrutar as formas mais avançadas deste tipo de organização social, pois, esta forma avançada seria a chave para compreender as demais formas menos avançada, tendo como suporte teórico-metodológico, a categoria *Totalidade*. Por isso de sua celebre frase: “a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco”.

A partir deste pressuposto marxiano, Gilberto L. Alves percorre a história do homem e assim, capta os condicionantes materiais a partir dos diferentes modos de produção, em particular, o período de transição do Feudalismo para o Capitalismo. O autor elencou este período transitório como ponto inicial de seu estudo, pelo fato de permitir-lhe captar, de forma mais clara, os embates ideológicos, filosóficos, econômicos, sociais no interior dessas sociedades, isto é, embates entre a nobreza feudal (em decadência) e a burguesia (nascente). Situação esta que, por conseguinte, incidia de forma sensível sobre a educação, pois, até aquele momento, encontrava-se sob a autoridade religiosa (o clero) e a nobreza feudal e daquele momento em diante, encontravam-se no foco da luta dos grupos burgueses, humanistas, reformadores, iluministas os quais clamavam por acesso e principalmente, pela secularização, laicização e expansão da instrução.

filosofia e história da educação na UNICAMP. É professor aposentado pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), também foi professor do Curso de Mestrado em Educação na Universidade do Contestado, *campus* Caçador, Santa Catarina.

Não obstante, Lancillotti (2008, p. 97-100) corrobora com tal estudo esclarecendo que, desde o séc. XIV período este reconhecido pela historiografia como *Renascença*, também denominado como *Renascença pedagógica*, pois, estendendo-se este período do referido século acima até fins do séc. XVII, a autora elenca dois fatores que, por sua vez, contribuíram para denominar este período como a *Idade da Didática*, a saber: a) o humanismo e com esse movimento, o surgimento de uma nova concepção de homem; b) a reforma e a contra-reforma, ambos os movimentos ocorridos posteriormente e, no entanto, de grande impacto pedagógico.

E assim, Alves (2005) vai desenvolvendo suas premissas sobre a categoria *Organização do Trabalho Didático*, tendo como cenário culminante o período de transição destes dois modos de produção, isto é, do Feudalismo para o Capitalismo e em seu bojo, tendo como objeto de estudo, as formas históricas do trabalho do educador. Para tal, Alves (2005, p. 10-11, grifos do autor) esclarece:

No plano mais genérico e abstrato, qualquer forma histórica de **organização do trabalho didático** envolve, sistematicamente, três aspectos:

- a) Ela é, sempre, **uma relação educativa** que coloca, frente a frente, uma **forma histórica de educador**, de um lado, e uma **forma histórica de educando(s)**, de outro;
- b) Realiza-se com a **mediação** de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento,
- c) E implica um **espaço físico** com características peculiares, onde ocorre.

Assim sendo, consubstanciando os elementos condicionantes da sociedade com o trabalho do educador, é que estes três aspectos supracitados sedimentam-se no processo de trabalho (docente).

2. As formas históricas da Organização do trabalho didático

Como já assinalado anteriormente, esta categoria organiza-se em acordo com as condições históricas dadas, ou seja, materiais. Neste sentido, o autor esclarece, com um exemplo, a primeira forma histórica de organização do trabalho didático:

na Antiguidade e na Idade Média o educador era o **preceptor**; na Idade Moderna surgiu o **professor**, dominante até nossos dias [...] nas duas épocas referidas, os estudantes assumiram formas, respectivamente, de **discípulos** e de **alunos organizados em classe**. (ALVES, 2005, p. 11, grifos nossos).

Deste modo, detendo-se um pouco mais sobre esta primeira forma histórica de Organização do Trabalho Didático, “o preceptorado”, este irá se configurar de modos variados, a depender do tempo e lugar, como exemplo, tem-se a relação do *ágrafo-bardo nas sociedades sem escrita*, os *poetas da Grécia homérica* ou os *mestres-escolas da Idade Média*. O que marca o preceptorado é a relação educativa, de caráter predominantemente *individualizado*. Mesmo quando tinha sob sua responsabilidade um grande quantitativo de alunos, o preceptor fazia um acompanhamento mais individualizado, de seus discípulos. Como

exemplo traz-se o caso da relação educativa entre Pepino e Alcuíno, Agostinho e Adeodato, mesmo na Modernidade há proposições de preceptorado, como foi o caso do *Emílio ou da educação*, de Rousseau (séc. XVIII). É importante ainda acrescentar que, como forma histórica, o preceptorado também se dá em um espaço físico determinado - na ágora, praças e feiras da Antiguidade; na casa do discípulo, nos bosques e campos que a cercam, também implica no uso de alguns instrumentos de trabalho e conteúdos (tabletes de argila, a lousa).

Vale ressaltar que esta forma histórica, o preceptorado, teve seu ápice durante a Idade Média, sendo que, com o processo de transição do Modo de Produção Feudal para o Modo de Produção Capitalista, o primeiro, que se baseava em uma organização técnica de trabalho de tipo artesanal, foi superado por outra forma de organização técnica do trabalho que espelhou-se na *manufatura* nascente. Só concluindo, para Alves (2005) o trabalho didático se organizou nos moldes do preceptorado até a Modernidade quando, com Comenius, surge uma nova forma de organização, a do *ensino simultâneo*. Entretanto, essa forma histórica de Organização do Trabalho Didático só foi se consolidar, como forma universal, no século XIX.

Além deste modelo de ensino o qual, superou o preceptorado e que consolidou-se três séculos depois de sua proposição, também houve outras proposições, como foi o caso do *ensino mútuo* que surgiu como alternativa para ampliar o atendimento escolar, em um momento em que não havia professores suficientes para atender a demanda por escola, diferenciando-se do ensino simultâneo pela introdução e utilização, em vistas de auxiliar o atendimento, os *monitores ou decuriões*. No entanto, logo que esse quantitativo foi atendido, tal forma histórica de ensino foi superada (ALVES, 2005, p.117 e seguintes).

É importante destacar que essas formulações de Comenius (ensino simultâneo) e Lancaster e Bell (ensino mútuo) não surgiram por acaso, foram sendo forjadas por aproximações sucessivas, a partir de variadas experiências. Antes de Comenius pode-se observar elementos do trabalho manufatureiro na proposta de outros educadores de “renome”, tais como os *Irmãos da vida comum*, Melanchton, Sturm, Ratke, dentre outros. Mas, foi Comenius quem elaborou a proposta mais madura. Quanto ao ensino mútuo, pode-se identificar sugestões do uso de monitores na própria obra de Comenius; porém, este não foi o centro de sua proposta que, entretanto, será a base da proposta de Andrew Bell e que, será aprofundada por Lancaster. Neste sentido, Alves (2005, p. 123) pondera “ao ensino mútuo, deve ser creditado o mérito de ter sido um recurso pioneiro visando à universalização da educação”.

Deste modo, na tentativa de melhor captar tais movimentos impactantes sobre a educação, sobre o ensino e sobre a escola moderna nascente, o autor elege o “bispo morávio” Comenius como precursor e como sujeito que melhor atendeu às exigências ao seu tempo, no que diz respeito, à expansão, barateamento e simplificação da instrução pública (ALVES, 2005).

Segundo o autor, o bispo morávio, ao captar os movimentos de tensões ideológicas impactantes na educação, propôs através de seus escritos, mais especificamente, a partir de sua grande obra *Didática Magma*, o ideal de *ensinar tudo a todos* e, conseqüentemente, promoveu a introdução de um “novo instrumental” na relação de ensino. Sendo que este novo instrumental revolucionaria e daria cabo das exigências educacionais ao seu tempo, assim é que surge o *manual didático* em substituição aos *compêndios clássicos* utilizados até então, os quais encareciam e impossibilitavam a secularização, laicização e barateamento da instrução pública, tão aclamada pela burguesia nascente.

Portanto, com a introdução do *manual didático*, este enquanto novo instrumental na relação educador-educando, os condicionantes e as exigências de sua época serão atendidas e com isso, consolidando o seu projeto de “*ensinar tudo a todos*”. Reitera-se que, além de

introduzir um *novo instrumental*, o bispo morávio colaborou para o surgimento de um novo tipo de relação entre educador-aluno, já insinuado acima. A partir de seus escritos e de seu novo instrumental, tal relação de ensino, até então caracterizada pelo *preceptorado*, seria superada por um novo tipo de relação, isto é, o *ensino simultâneo* modelo este o qual foi desenvolvido e organizado a partir do modo de organização da indústria manufatureira, em ascensão naquele período, que venho a substituir a oficina de artesanato do período feudal (ALVES, 2005).

Além disso, é imperativo evidenciar um *terceiro fator* que, a partir dos trabalhos elaborados pelo bispo morávio, contribuiu significativamente, para a consolidação de seu plano de ensino, isto é, o estabelecimento de um *local específico* no qual se daria o processo de ensino e assim, baseada na organização manufatureira, atender ao montante de crianças e jovens sedentos por instrução.

Deste modo, sempre tendo em vista atender as exigências materiais de seu tempo, é que se deu o surgimento da chamada “escola moderna”. Este local, frisa-se novamente, segundo Alves (2006) teve a base de sua organização técnica e estrutural, a estrutura e a organização da indústria manufatureira, em ascensão desde o séc. XV tendo seu ápice no séc. XVII com o advento do Modo de Produção Capitalista, superando com isso, a oficina artesanal. Ponderação esta corroborada por Santoni Rugiu (1998) e Saviani (2010).

Nas palavras de Alves (2005, p. 63, grifos nossos): “foi Comenius quem anunciou, claramente, a **proposta de escola moderna**, cuja organização do trabalho didático, por **inspirar-se na manufatura burguesa**, representou, também, a **superação definitiva do ensino artesanal**”.

E o autor acrescenta, “Comenius foi o mentor que melhor encarnou, por meio de sua obra, a concepção e a mais elaborada iniciativa prática visando à realização dessa nova instituição social especializada, cuja finalidade era a de **‘ensinar tudo a todos’**” (ALVES, 2005, p. 63, grifos nossos).

Para tanto, a produção de um instrumental que dê cabo dessas exigências não passou despercebida pelo bispo morávio, como atesta Gilberto Alves em outra obra, *A Produção da Escola Moderna Pública Contemporânea* (publicada pela primeira vez em 2001 e que encontra-se já em sua 4ª edição).

Na referida obra, o autor expressa de forma concisa os condicionantes materiais que permitiram, a partir das proposições de Comenius em meados do séc. XVII, o surgimento da chamada *escola moderna* e com ela,

Surgia um novo instrumento de trabalho do professor: **o manual didático**. Quanto à sua forma e à sua função, essa **nova tecnologia educacional** distinguia-se tanto dos livros clássicos, até então muito caros e pouco universalizados como decorrência dos limites próprios dos livros clássicos [...] O manual didático **surgiu com a pretensão de consubstanciar uma síntese dos conhecimentos humanos** de uma forma mais adequada ao desenvolvimento e à assimilação da criança e do jovem. (ALVES, 2006, p. 76, grifos nossos).

Deste modo, com a produção destes dois fatores Comenius tenta atender as exigências ao seu tempo, além de promover a superação da antiga forma de organização do trabalho didático, no que se refere tanto à relação educador-educando, como o tipo de instrumental e local no qual se dava o ensino preceptorado. O “manual possibilitou a queda dos custos da instrução pública. Com isso, atendeu a um pré-requisito necessário à universalização do ensino” (ALVES, 2006, p. 77), isto é, o barateamento dos custos de instrução e possibilidade de haver um atendimento quantitativo maior de crianças e jovens.

Por fim, Alves (2006, p. 80, grifos nossos) anuncia que, com os movimentos condicionantes que promoveram a superação do trabalho artesanal por uma organização manufatureira e, por conseguinte, a superação do trabalhador artesanal por um novo tipo de trabalhador, o manufatureiro:

A *Didática Magma* é o registro clássico de uma época que postulava transição análoga no domínio da educação; que reconhecia a necessidade histórica de **superação do mestre artesanal pelo professor manufatureiro**. O primeiro, um sábio que, na condição de preceptor, realizava um trabalho complexo, desde operações correspondentes à alfabetização até a transmissão das noções humanísticas e científicas mais elaboradas, cedia lugar ao professor manufatureiro, que passava a ocupar-se de uma pequena parte desse extenso e complexo processo.

Tal transição ocorrida em meados do séc. XVII e que se consolidou no séc. XIX, como já insinuado anteriormente, é a prova cabal de como os sujeitos à sua época conseguiram responder às exigências ao seu tempo, promovendo a superação daqueles modelos/modos organizativos cristalizados, no interior de sua sociedade, os quais já não atendiam às exigências sociais ao seu tempo.

Neste sentido, Saviani (2010, p. 14, grifos nossos) colabora, significativamente, esclarecendo tais movimentos condicionantes e a perspicácia de Comenius no que se refere à educação:

Assim como no processo produtivo as manufaturas introduziram a divisão do trabalho com a decorrente especialização e simplificação das funções, Comênio **preconizou a divisão do trabalho pedagógico**, conduzindo à especialização e simplificação das tarefas do professor, facilitadas pela **introdução de novos instrumentos do trabalho didático**, entre os quais se destacou o manual didático.

Portanto, percebe-se a partir da colaboração de Saviani, que o trabalho e empenho empreendido por Comenius, tendo em vista atender às necessidades e exigências do seu tempo, obteve sucesso, mesmo que para isso, tenha-se percorrido dois séculos para a sua efetiva consolidação.

Considerações finais

Portanto, considera-se imperativo discutir esta categoria elaborada por Gilberto Alves, criada a partir da perspectiva marxiana e que tem como procedimento teórico-metodológico a *ciência da história* a qual, por conseguinte, toma por objeto as formas mais avançadas para captar e compreender as formas menos avançadas, tendo em vista uma melhor compreensão tanto do processo de trabalho docente como a superação deste modelo de organização do trabalho didático manufatureiro. Segundo Gilberto Alves (2005; 2006; 2010), tanto o professor de nosso tempo como o seu instrumental (o livro didático) ainda encontram-se atrelados aos moldes comenianos da Idade Moderna, isto é, trata-se de um trabalhador parcelar, caracterizado pelo uso de um instrumental específico, o livro didático, em uma relação educativa de ensino simultâneo em um determinado local, a escola moderna, a qual foi desenvolvida a partir do modelo de organização manufatureiro do séc. XV-XVII.

Assim, Gilberto Alves (2005; 2006; 2010), Britto et. al. (2010) e Lancillotti (2008) clamam por uma nova didática, um novo instrumental, um novo local específico e, conseqüentemente, uma nova relação entre professor-aluno a qual, atenda às exigências de nosso tempo superando com isso, o modelo manufatureiro ainda vigente em nossos dias, pois, “não é essa escola comeniana que pode formar o cidadão demandado pela sociedade, hoje” (ALVES, 2005, p. 140).

Portanto, quanto a uma nova didática, o autor assim se manifesta: “constitui uma proposta de educação para a sociedade; visa atender necessidades sociais pertinentes à sua época e mobiliza, para a sua consecução, os recursos mais avançados produzidos pela humanidade em seu tempo” (ALVES, 2006, p. 234).

E com esta nova didática, o autor acrescenta que “a produção de uma **nova forma** de organização do trabalho didático exige a incorporação de **outros recursos tecnológicos que não o manual didático**” (2006, p. 244, grifos nossos). Isto é, com uma nova didática, um novo instrumental mediador no processo de ensino e uma nova instituição social a qual dê conta das exigências de nosso tempo.

Para finalizar, traz-se um fragmento no qual Gilberto Alves pondera sobre a escola vigente de nossos dias (ou seja, o local específico) e a necessidade de sua superação:

Caberia tão-somente reconhecer que a **escola contemporânea não está dotada**, de fato, **das condições suficientes para assumir as novas funções sociais** que vem incorporando. Por isso, **postula-se o surgimento de uma nova instituição social** que possa cobrir todas as necessidades do desenvolvimento de crianças e de jovens ou a refuncionalização do estabelecimento de ensino no intuito de que se capacite para tal. Mas, em ambas as alternativas, **o pressuposto é a destruição da escola manufatureira**. Ela, sim, **revela-se despreparada e incompetente para assumir as funções sociais que o novo tempo impõe**. Aliás, **ela revela-se despreparada e incompetente para realizar**, inclusive, **a função especificamente pedagógica** que lhe é própria [...]. **O seu desaparecimento**, que já se faz tardio, **fará submergir não somente a organização manufatureira do trabalho didático** que lhe corresponde, **mas também a forma histórica do professor manufatureiro**. (ALVES, 2006, p. 266-267, grifos nossos).

É deste modo, com a explicitação deste fragmento da obra de Gilberto Alves, que se clama por uma renovação dos elementos constitutivos do processo de trabalho docente, e mais especificamente, a renovação da forma histórica de organização do trabalho didático que ainda se encontra cristalizada em nossas escolas brasileiras.

Portanto, além desta categoria possibilitar a reflexão sobre os três aspectos acima discutidos também não deixa passar em branco outras questões que a implicam, como por exemplo, o caso das *novas tecnologias aplicadas à educação*, as quais incidem de forma predominante nos discursos de educadores, pais, pesquisadores, políticos etc. quando se tem como objeto de diálogo a educação, a escola e/ou trabalho docente, só para citar um exemplo.

Neste sentido, deixa-se um último questionamento como reflexão, à luz da categoria Organização do Trabalho Didático, a saber: *Há possibilidade de sucesso no processo (de ensino-aprendizagem) escolar, a partir “da confluência” de um instrumental didático de nosso tempo, como é o caso das novas tecnologias, com um modelo de organização escolar, tipo de relação educador-educando o quais, estão assentados em um modelo de organização manufatureiro do séc. XVII?*

Referências

ALVES, Gilberto Luiz. *O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas*. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. *A Produção da Escola Pública Contemporânea*. 4. ed. Campinas: Autores Associados, Campo Grande: UFMS.,2006.

_____. O Liberalismo e a Produção da Escola Pública Moderna. IN: LOMBARDI, J. C. e SANFELICE, J. C. (Org.). *Liberalismo e educação em debate*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

_____. História da educação: a produção teórica sobre o trabalho didático. IN: BRITO Silvia Helena de [et. al.] (org.). *A Organização do Trabalho Didático na História da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

BRITO, Silvia Helena de [et. al.] (org.). *A Organização do Trabalho Didático na História da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. Trad. e Intr. de Florestan Fernandes.

LANCELLOTTI, Samira Saad Pulchério. *A Constituição Histórica do Trabalho Docente*. Tese de Doutorado. Unicamp-SP.,2008.

SANTONI RUGIU, Antonio. *Nostalgia do Mestre Artesão*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. Trad. Maria de Lourdes Menon.

SAVIANI, Demerval. Trabalho didático e história da educação: enfoque histórico-pedagógico. In: BRITO, Silvia Helena Andrade de, [et. al.] (org.). *A Organização do Trabalho Didático na História da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

Recebido em fevereiro de 2012 e aprovado em março de 2012.